Conectando Gerações na EJA: um relato de experiência sobre tecnologia e inclusão na aprendizagem ao longo da vida

Cristiane Batista de Medeiros Rodrigues[1]; 0009-0009-0177-8598

Diovana Aparecida dos Santos Napoleão [2;] 0000-0003-1056-6684

1– USP, PPGE - Escola de Engenharia de Lorena – EEL – Lorena, SP.

cristiane.bmrodrigues@usp.br

2– USP, PPGE – Escola de Engenharia de Lorena, SP

diovana@usp.br

Resumo:

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em uma turma de alfabetização multisseriada do 1º ao 5º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal de Itatiaia, Rio de Janeiro. Com foco na promoção da inclusão e fortalecimento da aprendizagem ao longo da vida, a pesquisa explora o uso estratégico da tecnologia em um contexto intergeracional. A metodologia empregou observação participante, rodas de conversa e registros pedagógicos produzidos durante as atividades com 17 alunos sendo oito homens e nove mulheres, com idades entre 18 e 70 anos. Os participantes foram identificados por meio de observação participante e registros produzidos durante as atividades pedagógicas. Esta abordagem qualitativa permitiu a identificação de lacunas significativas no processo de inclusão digital dos educandos que impactam diretamente suas vidas cotidianas. O objetivo central foi investigar e viabilizar a inclusão digital efetiva no dia a dia desses alunos, reconhecendo a importância da inclusão digital e da cidadania digital para a participação social dos estudantes da EJA. As ações pedagógicas implementadas se basearam em metodologias colaborativas e atividades interdisciplinares, utilizando recursos tecnológicos acessíveis como mediadores para a troca de saberes entre as diferentes gerações presentes na turma. Os resultados evidenciaram um aumento substancial no engajamento dos alunos, o fortalecimento da autoestima e a ampliação da participação, valorizando suas experiências de vida. A mediação tecnológica demonstrou ser muito importante para a inclusão sociodigital, promovendo maior autonomia e interação. Constatou-se com esta intervenção que a tecnologia, quando aplicada de forma crítica e planejada, potencializa a aprendizagem colaborativa e reforça o direito à educação ao longo da vida, contribuindo para um ambiente educacional democrático, inclusivo e significativo na EJA.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos. intergeracionalidade. tecnologia educacional. inclusão digital. aprendizagem ao longo da vida.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade da educação básica destinada a sujeitos que não tiveram acesso ou permanência na escolarização na idade considerada regular. Mais do que garantir certificação escolar, a EJA representa a efetivação de um direito humano fundamental e uma oportunidade de reconstrução de trajetórias marcadas por desigualdades sociais, econômicas e educacionais. Nesse contexto, a modalidade assume papel estratégico na promoção da cidadania, da participação social e da valorização dos saberes produzidos ao longo da vida pelos estudantes.

Nas últimas décadas, os desafios enfrentados pela EJA passaram a incorporar novas dimensões relacionadas às transformações tecnológicas e à crescente digitalização das práticas sociais. O acesso a serviços públicos, sistemas bancários, comunicação, trabalho e informação ocorre cada vez mais por meio de plataformas digitais, exigindo competências que ultrapassam a alfabetização tradicional. Para jovens, adultos e idosos que vivenciaram processos históricos de exclusão escolar, a exclusão digital tende a ampliar vulnerabilidades já existentes, restringindo oportunidades de participação plena na sociedade contemporânea.

Nesse cenário, a inclusão digital deve ser compreendida para além do acesso a equipamentos e conectividade. Trata-se de um processo formativo que envolve a capacidade de utilizar criticamente as tecnologias, interpretar informações, comunicar-se, acessar direitos e participar de forma autônoma da vida social. Conforme argumenta Castells (1999), a sociedade em rede redefine as formas de interação humana e de acesso ao conhecimento, tornando indispensável a inserção dos sujeitos nos ambientes digitais. Complementarmente, Lévy (1999) destaca que as tecnologias digitais possibilitam novas formas de construção coletiva do conhecimento, ampliando as oportunidades de aprendizagem colaborativa.

Ao mesmo tempo, as turmas da EJA caracterizam-se por uma significativa diversidade geracional. Em um mesmo espaço convivem jovens, adultos e idosos que trazem

experiências, conhecimentos e formas distintas de relação com a tecnologia. Essa diversidade pode ser compreendida como potencial pedagógico, uma vez que favorece a troca de saberes e a construção colaborativa do conhecimento. Segundo Cordeiro (2020), as relações intergeracionais fortalecem processos educativos ao possibilitarem a circulação de diferentes experiências de vida, ampliando perspectivas e favorecendo aprendizagens mútuas.

A compreensão da EJA como espaço de diálogo e valorização das experiências dos educandos aproxima-se dos pressupostos da Educação Popular desenvolvidos por Paulo Freire. Para o autor, a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos, reconhecendo-os como protagonistas do processo educativo. Nessa perspectiva, a aprendizagem não ocorre por mera transmissão de conteúdos, mas por meio da problematização das experiências vividas e da construção coletiva do conhecimento. Os círculos de cultura constituem uma das principais expressões dessa concepção, configurando espaços de diálogo nos quais os participantes analisam criticamente aspectos de sua realidade e constroem novos significados a partir da interação com os demais sujeitos.

Entretanto, é importante reconhecer que a pedagogia freireana apresenta diferenças significativas em relação às orientações curriculares fundamentadas em competências e habilidades previamente definidas. Enquanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece referenciais comuns para a educação básica, a perspectiva freireana enfatiza a construção curricular a partir das demandas, experiências e necessidades concretas dos educandos. Assim, este estudo não pretende equiparar tais concepções, mas compreender que as referências relacionadas à cultura digital e à cidadania digital podem contribuir para a formação dos estudantes da EJA quando articuladas a práticas pedagógicas dialógicas, contextualizadas e comprometidas com a emancipação dos sujeitos.

Essa discussão ganha relevância diante das diretrizes estabelecidas pelo Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, instituído pelo Decreto nº 12.048/2024. O documento reafirma a EJA como política pública estratégica para o enfrentamento das desigualdades educacionais e para a ampliação das

oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Ao reconhecer a Educação Popular como referência para os processos de alfabetização de jovens, adultos e idosos, o Pacto fortalece a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem o diálogo, a participação e os conhecimentos construídos pelos educandos em seus diferentes contextos sociais.

Foi nesse contexto que se desenvolveu a experiência relatada neste artigo, realizada em uma turma multisseriada de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos no município de Itatiaia, Rio de Janeiro. A proposta partiu da identificação de dificuldades relacionadas ao uso das tecnologias digitais e buscou promover processos de inclusão digital por meio de práticas intergeracionais fundamentadas no diálogo, na colaboração e na valorização dos saberes dos estudantes.

As atividades foram organizadas a partir de rodas de conversa inspiradas nos círculos de cultura freireanos, possibilitando que os próprios educandos identificassem demandas relacionadas ao uso das tecnologias em seu cotidiano. Posteriormente, grupos intergeracionais desenvolveram ações colaborativas voltadas à aprendizagem digital, culminando na produção de cartas pedagógicas nas quais os participantes registraram percepções, aprendizagens e reflexões sobre a experiência vivenciada.

Dessa forma, o objetivo deste estudo consiste em apresentar e analisar práticas pedagógicas intergeracionais mediadas por tecnologias digitais desenvolvidas na EJA, evidenciando suas contribuições para a inclusão digital, para a valorização dos saberes dos educandos e para a construção de processos educativos mais democráticos, participativos e socialmente significativos.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi desenvolvida em uma turma da Fase I da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Itatiaia, estado do Rio de Janeiro, composta por 17 estudantes com idades entre 18 e 70 anos. A turma apresentava características intergeracionais, reunindo jovens, adultos e idosos com diferentes trajetórias escolares, profissionais e socioculturais, o que favoreceu processos de troca de saberes e aprendizagem colaborativa. O planejamento das ações pedagógicas teve início com a realização de rodas de conversa

inspiradas na proposta dos círculos de cultura de Paulo Freire. Esses momentos tiveram como objetivo compreender as experiências dos educandos com as tecnologias digitais, identificar demandas presentes em seu cotidiano e promover a escuta coletiva das necessidades do grupo. A partir dos diálogos estabelecidos, emergiram questões relacionadas à dificuldade de utilização de aplicativos bancários, acesso a serviços disponibilizados pela plataforma Gov.br, envio e recebimento de mensagens por aplicativos de comunicação, realização de pesquisas na internet e utilização de recursos digitais voltados ao entretenimento e à aprendizagem.

Os estudantes relataram ainda interesse em acessar vídeos e tutoriais disponíveis em plataformas digitais, especialmente conteúdos relacionados à culinária, pequenos reparos domésticos, artesanato, saúde e videoaulas que pudessem auxiliar na consolidação dos estudos realizados em sala de aula. Também foram identificadas preocupações relacionadas à segurança digital, principalmente quanto ao risco de golpes virtuais, compartilhamento inadequado de informações pessoais e uso seguro de aplicativos e redes sociais.

A partir das demandas levantadas coletivamente, foram organizadas atividades pedagógicas fundamentadas na aprendizagem colaborativa e na valorização dos saberes dos próprios estudantes. Os alunos mais jovens, que demonstravam maior familiaridade com dispositivos móveis e recursos digitais, passaram a atuar como mediadores junto aos colegas adultos e idosos, compartilhando conhecimentos sobre o uso de celulares, aplicativos e ferramentas digitais. Essa dinâmica favoreceu a constituição de grupos intergeracionais nos quais a aprendizagem ocorreu por meio da cooperação, do diálogo e da troca de experiências.

As atividades desenvolvidas envolveram pesquisas orientadas na internet, utilização de mecanismos de busca, acesso a vídeos educativos, produção de textos colaborativos, exploração de aplicativos educacionais e realização de tarefas relacionadas ao uso

cotidiano das tecnologias digitais. Paralelamente, os estudantes adultos e idosos compartilharam experiências profissionais, conhecimentos culturais e saberes construídos ao longo da vida, contribuindo para que as relações pedagógicas se estabelecessem de forma horizontal e dialógica.

Durante o desenvolvimento das atividades, observou-se ampliação significativa da participação dos estudantes. Muitos educandos relataram satisfação ao conseguirem acessar conteúdos digitais de forma autônoma e ao compreenderem melhor o funcionamento de ferramentas anteriormente consideradas complexas. A utilização de vídeos, tutoriais e pesquisas relacionadas aos interesses pessoais dos participantes favoreceu maior engajamento nas aulas e contribuiu para que as tecnologias fossem percebidas como instrumentos úteis para a resolução de situações concretas do cotidiano.

Outro aspecto relevante observado foi o fortalecimento das relações intergeracionais. Os estudantes mais jovens passaram a reconhecer e valorizar os conhecimentos trazidos pelos colegas adultos e idosos, enquanto estes demonstraram maior segurança para participar das atividades e compartilhar suas experiências. Tal movimento evidencia que a aprendizagem não ocorreu em uma única direção, mas foi construída coletivamente por meio da troca de saberes entre diferentes gerações.

Os resultados observados dialogam com a perspectiva freireana ao demonstrar que os processos educativos se tornam mais significativos quando partem das necessidades concretas dos sujeitos. As rodas de conversa permitiram identificar temas geradores relacionados à inclusão digital e à cidadania digital, orientando práticas pedagógicas contextualizadas e socialmente relevantes. Nesse sentido, a tecnologia deixou de ser compreendida apenas como recurso instrumental e passou a constituir objeto de reflexão crítica e de ampliação das possibilidades de participação social.

Ao final das atividades, os estudantes foram convidados a registrar suas percepções sobre as aprendizagens construídas por meio de cartas pedagógicas, nas quais relataram conquistas, dificuldades superadas e expectativas relacionadas ao uso das tecnologias digitais. Esses registros evidenciaram o fortalecimento da autoestima, da autonomia e do sentimento de pertencimento dos educandos, além de reafirmarem a importância da

inclusão digital como dimensão fundamental do direito à educação ao longo da vida.

Apesar das limitações relacionadas à infraestrutura tecnológica disponível e à necessidade de formação continuada dos profissionais envolvidos, a experiência demonstrou que práticas pedagógicas intergeracionais mediadas por tecnologias digitais podem contribuir significativamente para a inclusão social, para a ampliação da participação cidadã e para a construção de aprendizagens contextualizadas e significativas na Educação de Jovens e Adultos.

As práticas intergeracionais favoreceram o respeito mútuo, a empatia e a valorização das diferentes experiências de vida presentes no ambiente escolar. Os estudantes mais jovens passaram a reconhecer os saberes dos colegas adultos e idosos, enquanto estes passaram a demonstrar maior segurança para participar das atividades pedagógicas.

Os educadores envolvidos também relataram desafios importantes durante o processo, especialmente relacionados à limitação de recursos tecnológicos disponíveis nas unidades escolares, à necessidade de formação continuada e às dificuldades iniciais enfrentadas pelos estudantes no processo de inclusão digital. Entretanto, mesmo diante dessas limitações, foi possível identificar avanços significativos na participação, na autoestima e no interesse dos estudantes pela continuidade dos estudos.

As experiências desenvolvidas evidenciaram que o uso da tecnologia na EJA precisa estar associado a práticas pedagógicas humanizadas e contextualizadas, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem e valorizando os conhecimentos construídos ao longo da vida. A tecnologia, nesse contexto, deixou de ser apenas um recurso instrumental e passou a assumir papel mediador na construção de aprendizagens colaborativas e inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência permitiu compreender a relevância das práticas pedagógicas intergeracionais na Educação de Jovens e Adultos, especialmente quando articuladas ao uso da tecnologia como instrumento de inclusão e fortalecimento da aprendizagem ao longo da vida.

As experiências desenvolvidas demonstraram que a interação entre diferentes gerações favorece a construção coletiva do conhecimento, amplia o protagonismo dos estudantes e fortalece vínculos sociais no ambiente escolar. Além disso, o uso das tecnologias digitais contribuiu para o desenvolvimento da autonomia, da participação e da inclusão sociodigital dos educandos.

Apesar dos desafios relacionados à infraestrutura tecnológica e à necessidade de formação continuada para os educadores, os resultados observados evidenciam que práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas podem transformar significativamente o processo de ensino e aprendizagem na EJA.

Dessa forma, conclui-se que a implementação de estratégias intergeracionais mediadas pela tecnologia representa importante possibilidade para fortalecer a permanência escolar e valorizar as experiências de vida dos estudantes e garantir o direito à educação de forma democrática, inclusiva e humanizada.

Os resultados evidenciam que a inclusão digital na EJA não deve ser compreendida apenas como acesso a dispositivos tecnológicos, mas como possibilidade de ampliação da participação social, do exercício da cidadania e do fortalecimento da autonomia dos sujeitos. A experiência demonstrou que práticas intergeracionais fundamentadas no diálogo e na valorização dos saberes dos educandos podem contribuir para a construção de processos educativos mais significativos, reafirmando os princípios da Educação Popular em contextos marcados pela cultura digital.

Além de favorecer a aprendizagem de conteúdos escolares, as práticas desenvolvidas demonstraram que a inclusão digital pode contribuir para a ampliação do acesso a direitos, serviços públicos e oportunidades de participação social. Nesse sentido, a experiência reforça a necessidade de políticas e práticas educacionais que considerem a cultura digital

como dimensão constitutiva da formação de jovens, adultos e idosos na contemporaneidade

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação, tecnologias e inclusão digital: desafios contemporâneos. Revista e-Curriculum, São Paulo, 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União, Brasília, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORDEIRO, Gisele. Intergeracionalidade na educação: diálogos possíveis entre gerações no espaço escolar. Revista Educação & Linguagem, São Paulo, 2020.

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de jovens e adultos no Brasil: direito, políticas e práticas. Educação & Sociedade, Campinas, 2005.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Hilda Carvalho de et al. Metodologia colaborativa e participativa para inclusão digital, visando a integração de saberes de diferentes gerações. In: Congresso de Extensão Universitária da UNESP, 8., 2015. Anais [...]. São Paulo: UNESP, 2015. p. 1-7. Disponível em: Repositório UNESP. Acesso em: 27 maio 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Paris: ONU, 1948.

RUMMERT, Sônia Maria. Educação de jovens e adultos trabalhadores: múltiplas faces, diferentes olhares. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2009.